

CRASE

Ano 3 - 23ª Edição - Setembro - 2012

#23
Setembro - 2012

Literatura

A Nova
Inquisição

Ser diferente é normal

Vinícius Castro

Cinema

Pra que Sérvia
[sic] censura?

Política

Liberdades
Inoperantes



Leonardo não cobrou cachê para fazer essa campanha.



“Qua
sofre
nunca

A dor de um acidente
pode durar para sempre.

PARE
PENSE
MUDE



PA
PACT
PELA
ACID

Quando um filho sofre um acidente, o pai sofre sozinho.,”

Leonardo, cantor.



/paradapela vida

PARADA
PROGRAMA NACIONAL
DE REDUÇÃO DE
ACIDENTES

Denatran

Ministério das
Cidades

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

índice

Escolha e clique na matéria desejada.

p. 08 **Editorial**

p. 10 **A NOVA INQUISIÇÃO**

p. 14 **Pra que Sérvia^[sic] CENSURA ?**

p. 20 ***Ser diferente é normal***

p. 28 *Meretriz da* **LIBERDADE**

p. 34 **Gecko**

p. 36 **Liberdades Inoperantes**

p. 40 **Eles Disseram**

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Coordenador de Produção: Bruno Buhr

Redatores: Amanda Guerra, Cadu Senra, Clarissa

Affonseca, Deborah Pinheiro, Leonardo Alves,

Leandro Bertholini, Patricia Teles, Renan Alves,

Ramon Lourenço, Vanessa Vieira, Vinícius Baião

Produção: Nicolas Dani

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Dans Souza

FOTOGRAFIA

Editor: Diego Val

Fotógrafos: Caio Pagin, Leonardo Ferreira,

James Donahue

INTERNET

Webmaster: Dans Souza



Editorial

Comunicar nem sempre é algo simples. Além das limitações reservadas a alguns de nós, a influência sociocultural de uma sociedade pode calar até o mais eloquente dos comunicadores, o que não é necessariamente algo negativo, tendo em vista que a disseminação de informações não se limita ao certo ou errado, mas muitas vezes acaba por basear-se na perspectiva ou nos interesses de alguém.

Muita gente confunde liberdade de expressão com anarquia, transformando este direito constitucional em uma espécie de campo de força criado para proteger-nos de represália, pública ou privada. Esquecem-se das linhas pontilhadas no proverbial contrato social assinado por nós em determinado momento; “o seu direito termina onde o meu começa”. Este é um fenômeno que se opõe à “sensibilidade contemporânea” vista por aí, o enxame de intolerância que assola não só as terras tupiniquins, mas todo o mundo. Como um sonar, nossas ações se propagam ao nosso redor e as consequências são refletidas

de volta para nós, moldando assim nossa percepção do mundo de acordo com uma leitura única e individual. A verdade que conhecemos. Verdade essa que deve ter assegurada a possibilidade de ser de fato verossímil - quando há algum fundamento, claro.

O dilema é extremamente complexo, envolve ética demandando imparcialidade jornalística enquanto a liberdade de expressão se torna a maçã nos Jardins do Éden para pessoas em busca de popularidade, tentando provar serem detentores de uma genialidade raramente vista. Utilizam a liberdade de expressão de maneira irresponsável, podendo inclusive vir a gerar confrontos internacionais, enquanto outros indivíduos reivindicam o direito de ter sua verdade reconhecida através de métodos que julgam corretos.

“Só sei que nada sei”, já dizia o grande Sócrates.

Rafael Farah

Literatura

A NOVA INQUISIÇÃO

Nem tão santa, desta vez.

Por Amanda Guerra

Entre tantos movimentos literários, cada um com suas particularidades, é notória a influência do modernismo em toda a história da literatura brasileira. Tudo o que se cria hoje, todo o pós modernismo eterno e deslavado se originou com alguma cara de pau e muita determinação dos escritores de uma época que não mais existe, com uma sinceridade criativa também não mais encontrada.

Bandeira, com um arroteo de genialidade, escreveu que não queria mais saber do lirismo que não fosse

libertação. Drummond, aquele danado, de fato se libertou e tratou de escrever sobre as graças da bunda e de como ela se basta em si. Aquele se ocupou do pneumotórax, abrindo caminho para este falar de pedras e acabar em qualquer apostila de ensino fundamental. Que diria Quintana, se a tudo isso pudesse assistir agora? É provável que nada, pois não era tolo de tentar definir a poesia, pois bem sabia que ela não se entregava tão fácil. Desconversaria, faria uma boa metáfora e pararia por aí, pra não pecar pelo estilo, uma vez que dificuldade de expressão nunca foi um problema.

Ora, por que voltar ao Modernismo? Para saudar aqueles que morreram por nada, pois que nada com eles aprendemos.

[Ainda sobre Quintana, com certeza já desistiu de se revirar no túmulo cada vez que um professor (presente!) o coloca em uma listinha de nomes de uma escola literária. Condenamos semanalmente o morto à prisão perpétua sem dó ou piedade. Mas Ignore-

mos este fato, para seguir com o ponto de vista.]

Não aprendemos, e pior: herdamos uma arrogância pós moderna a qual não temos direito algum. Achamos (ou queremos acreditar) que somos libertários, libertinos e revolucionários. Buscamos estampar no peito nossas pseudo verdades desmoralizantes com uma pinta de transgressores. Mas a cruel verdade é que nós, escritores de hoje, somos

uns vendidos. Vivemos de matérias pagas, livros que não levam nossos nomes e mentiras bem contadas.

Se antes usava-se a violência, os termos chulos, as discordâncias e todo o resto para ganhar espaço, para se provar que era possível, hoje se usa pra vender mais. Ou para vender alguma coisa que seja. Exceção feita às discordâncias. Essas são por falta de conhecimento acadêmico mesmo.

Falamos de produtos que não usamos, histórias que não vivemos e emoções que não sentimos. Resenhamos lugares que não frequentamos, poetizamos amores que nunca amamos. E ainda queremos discutir liberdade? Liberdade de expressão?! Vivemos na Santa Inquisição. Nossa Igreja, as editoras. Nossa fogueira, o limbo do desconhecimento, o café frio e as contas não pagas. ■

Pra que Sérvia ^[sic] CENSURA?

Uma resenha sobre um filme absolutamente chocante, seus impactos e sub-impactos.

por Marcel Romero

Nossa coluna de cinema dessa edição irá abordar o perturbador “Um Filme Sérvio”, do diretor Srđan Spasojevic, produzido em 2010. Se você acha que já viu, você está errado. Quem viu este trabalho se lembrará eternamente da experiência traumática que ele representa até nas mentes mais perturbadas. Podemos verdadeiramente designar esta obra como um filme de “terror”, não por expressar algo assustador e sobrenatural, mas por empilhar e amplificar tudo o que, infelizmente, existe de mais baixo e sujo na humanidade, elevando isso à uma potência de dois dígitos.

Se você gosta de emoções fortes, esse filme, mesmo assim, não é pra você. O filme faz parecer que o fundo do poço frio, imundo e pedregoso em que cada um de nós já esteve não fez nem um arranhão na superfície do que pode ser profanado na nossa mais profunda intimidade emocional. Sem mais tratar sobre as recomendações de “eu avisei”, falemos sobre o enredo.

O protagonista da estória é um celebrado ator pornográfico aposentado que se tornou um homem de família cuidadoso e carinhoso. Com uma situação financeira difícil, ele recebe uma proposta de

fazer um último filme, sobre o qual ele nada sabe, que o dará tanto retorno que seu filho jamais precisará entender o valor do dinheiro. O filme que ele estrela, na maior parte do tempo sem ter a escolha de não atuar, soma o que pode haver de mais sujo em cada uma das mentes mais perturbadas que já nasceram. Qualquer coisa imunda possível de se conjurar com a mente; ele contém violência, drogas, homicídio, estupro, incesto, pedofilia, (envolvendo inclusive recém-nascidos direto do parto), zoofilia, necrofilia, tudo num mesmo ato, numa mesma cena. Basta dizer o nome, tem no filme! E quando chega

o final ainda piora tudo. A película faz “2 Girls 1 Cup” parecer um piquenique. Mas afinal ele te dá um peso emocional tão grande que da próxima vez que você tiver que fazer a coisa que você mais odeia na vida,

“Teria o Estado
são sobre o tipo
pode ser ou não

vai se sentir grato por ela. Da próxima vez que você ouvir aquela piada de humor negro você vai até achar graça, afinal, você descobriu que poços emocionais podem sempre, invariavelmente, afundar e muito.

Com certeza absoluta você ainda não viu este filme pois ele foi, inclusive, censurado no Brasil. Nossos representantes do Poder Executivo julgaram que a obra é forte demais para ser contemplada pelas

o poder de decidir de material que é consumido?”

mentes brasileiras, até as menos alarmadas. E eles estão cobertos de razão. Não existe preparo prévio que faça a experiência não ser um vislumbre da pior e mais horrenda faceta humana, ainda mais por se tratar

de algo que envolve material de excitação erótica.

Certamente esse filme, caindo nas mãos de uma criança, geraria traumas fortes e possivelmente permanentes. Evidentemente sua classificação etária é de 18 anos ao redor do mundo, não que um adolescente - ou qualquer pessoa - esteja preparada para isso. Inclusive pessoas com desequilíbrios emocionais podem certamente ter um surto psicopatológico depois da experiência. Tendo mencionado tudo isso, é fácil concluir que a obra é algo que pode gerar estragos. Um filme. É isso que ele é e este é seu poder. Uma obra de ficção. Imagens e sons



numa tela. Com atores e atrizes - mirins, inclusive - e sangue falso. E um figurinista, um roteirista, um diretor, que certamente tinham algo a dizer, tinham uma mensagem a transmitir. Uma emoção transformada em obra com o poder de gerar emoções em seus expectadores. Que melhor forma de definir a arte?

Em termos artísticos o filme é uma verdadeira obra de arte, pode-

rosíssima. Para o bem ou para o mal, quem pode julgar? Quem define? O Poder Executivo? Teria o Estado o poder de decisão sobre o tipo de material que pode ser ou não consumido pela população? Ainda mais em se tratando da era da internet, que é uma terra de ninguém. Poder sobre algo que não traz danos físicos ou psicológicos aos envolvidos na obra? Não seriam os consumidores de conteú-



do donos da sua própria vontade de consumo, que não interfere em nada na vida de ninguém? As emoções são ontogênicas, a cultura é ancestral, mas o indivíduo é recente e ainda sim dono de si próprio. A vida é dona de si própria. Os eventos que se passam na vida de alguém pouco tem a ver com seu poder de decisão, diferente da forma como reagimos a esses eventos, que estão calcados em nosso jul-

gamento, por mais precipitado que ele seja.

Só podemos concluir, meus caros leitores, que quem tem o poder de censurar ou liberar algo, é quem se julga com esse poder. Os que optam, e às vezes até devem, fechar os olhos para o que a humanidade tem de pior, preferivelmente devem continuar assim.

Mas afinal a decisão é de quem? ■

Ser diferente é normal

Músico abre as portas de sua já famosa sala e conversa com a CRASE.



por Cadu Senra

Que Vinicius é uma das maiores revelações atuais da Música Popular Brasileira todos nós sabemos. Afinal, sua história foi contada aqui nessa mesma revista há exato um ano atrás. Sua matéria estampou a capa e mostrou as várias faces do jovem músico, escritor e compositor; desde suas muitas trilhas sonoras; ao cd “Jogo de Palavras” – recheado de canções autorais; até sua habilidade de escrever poemets e livros, sendo o último voltado para o universo infantil. Entretanto, o motivo dele estar repetindo o feito, se tornando a primeira personalidade a figurar pela segunda vez na página

mais nobre da revista, é muito simples: assim como prometera no fim da matéria passada, o mundo de Vinicius continuou em constante movimento...e como!

Reconhecimento

Logo no início do ano, o artista foi indicado pelo segundo caderno do jornal O Globo como um dos grandes violonistas de sua geração. Algo que segundo o próprio instrumentista foi uma surpresa, já que apesar de toda a sua formação ter sido voltada para o violão, suas letras acabam chamando mais atenção pelo bom português – tão maltratado pelos letristas de hoje – e pela musicalidade que possui. Para Vinicius, a indicação foi o coro-



Foto: Oswald Coelho

amento de um trabalho árduo e quase silencioso, pois suas linhas de violão, por ser seu instrumento de origem, são sempre cuidadosamente elaboradas.

Som na Sala

Concomitantemente, comprovando seu bom relacionamento com a internet, ferramenta que é a maior aliada do músico moderno, o compositor, em parceria com o amigo cineasta

Daniel Terra, desenvolveu o criativo projeto Som na Sala. Nele, Vinicius Castro abre as portas de seu aconchegante apartamento em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, para receber novos talentos da nossa música e gravar clipes fazendo aquilo que melhor sabem: Tocar e cantar. O projeto surgiu por acaso, assim como a maioria das idéias verdadeiramente boas, e teve a ajuda

indireta da convidada do primeiro vídeo, Luiza Sales – da qual Vinicius é parceiro e colaborador. Luiza, que havia acabado de lançar seu álbum de estréia, ligou para Vinicius querendo gravar uma nova música com a aparelhagem de gravação recém comprada por ele. Esse, por sua vez, foi além. Ao retornar a ligação à amiga, ele a comunicou que além da música também gravariam um vídeo, que faria parte de um projeto mensal, que devido à escolha do cômodo de sua casa usado como cenário, se chamaria “Som na Sala”. O primeiro vídeo, sem divulgação formal alguma, bem ao estilo boca a boca (ou tela a tela, como diríamos

nos tempos cibernéticos), teve 10 mil acessos em sua primeira semana, o que motivou Vinicius a tocar o projeto. Já foram 8 vídeos, acumulando um total de quase 60 mil acessos, além de destaque em várias publicações de circulação nacional. O repertório é composto basicamente por músicas de autoria de Vinicius e algumas parcerias com os próprios convidados, como nos casos das canções “Profecia” com Thiago Amud e “Boto Fé” com Thiago Augusto.

Ser Diferente é Normal

Na edição de junho, o Som na Sala apresentou a música “Ser Diferente é Normal”, composta por Vinicius juntamente com



Adilson Xavier. A canção é tema do projeto de mesmo nome realizado pela ONG Meta Social, que visa a interação e inclusão de portadores de necessidades especiais na sociedade. O clipe contou com convidados como a escritora Thalita Rebouças, participantes de vídeos anteriores, como as cantoras Julia Bernat e Karla Silva, outros cantores e instrumentistas amigos de Vinicius, além de ter

na bateria a atriz portadora da Síndrome de Down, Paula Werneck.

A música vem sendo reproduzida nos comerciais da ONG, que são exibidos nos horários nobres das principais emissoras de televisão do país. Artistas consagrados como o ex-Ministro da Cultura Gilberto Gil e sua filha Preta Gil, a banda Biquíni Cavado, e o carismático Lenine gravaram

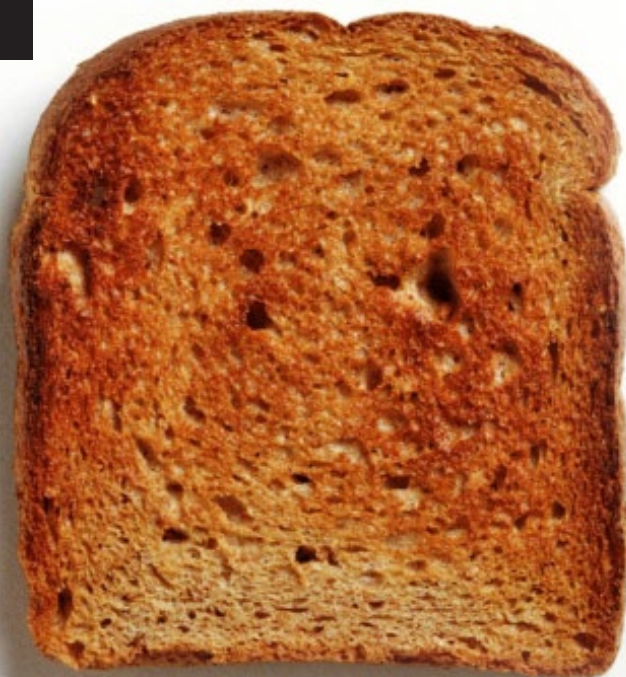
suas próprias versões do tema para a propaganda. E não só músicos profissionais podem participar da ação. No site da Meta Social (www.serdiferenteenormal.org.br) qualquer pessoa pode mandar seu vídeo cantando ou tocando a canção. Além de terem suas versões expostas de forma integral no site, haverá também uma seleção de cenas para fazer um só vídeo com o máximo de imagens e sons de gravações diferentes possível.

O caminho certo

É bom ver que em nosso país ainda há espaço para pessoas com talentos genuínos como o de

Vinicius Castro que, sem apelação de qualquer forma, está conseguindo trilhar um belo caminho rumo à constelação que outrora foi a nossa música. E na verdade ir além, ao também carregar seus amigos, igualmente virtuosos, mostrando para todos que ainda há esperança fora da “modinha” incitada por grandes mídias e digerida por grandes massas. Se em apenas um ano, tudo isso já aconteceu na até então jovem carreira desse prolífero artista, só nos resta sentar e esperar para ver o que mais pode sair de sua mente para nos surpreender e maravilhar. Confiem, é só esperar. ■





Meretriz da
LIBERDADE

Liberdade, aquela outra que se deita com qualquer um, cujo preço é o silêncio.

por Leonardo Alves

A

fumaça de óleo diesel que cheiramos hoje não provém dos blindados verde oliva, no entanto de muito gorda, a porca ainda não anda. Permanece presa na garganta, a palavra. Presa por nós mesmos, autocensura praticada por todos aqueles que querem ver e ouvir aquilo que tão somente divirta, entretenha. Como isso pode ter ocorrido? Uma rápida olhada no retrovisor mostrará que os maiores jornais da época apoiaram o golpe de 1964, incluso o

Jornal do Brasil, que só mais tarde perceberia o mau feito e se oporia na medida em que o Estado permitia ou que burlava o AI-5. Na euforia de uma nação que prosperava a ilusão e a mesma fumaça.

“O público leitor, aqueles que assinam revistas e compram jornais, mudou...”

A relação entre a imprensa e o governo nunca mais seria a mesma. Se por um lado há no Brasil uma tradição jornalística de classe média para classe média e por isso o objeto da

notícia precisa ser uma “nação que dá certo”, por outro o público leitor, aqueles que assinam revistas e compram jornais, mudou. Em um universo de 200 milhões de habitantes, as técnicas de manobra precisam ser mais eficientes. Primeiro veio a inundação, a publicação desmedida com vistas a alcançar um Brasil continental, depois os apelos pela qualidade e credibilidade dos veículos de comunicação, por fim os monopólios. Hoje, no Brasil, meia dúzia de famílias e suas corporações dominam a pauta da semana. Interesses religiosos matam no ar a grade de pelo menos três das maiores emissoras de TV do país. Liberdade?

Em 1994 o controverso documentário *Beyond Citizen Kane*, que trata das relações da imprensa (Rede Globo) e o poder, tendo como figura principal Roberto Marinho, foi proibido de ser exibido no Brasil. Em 2002 o Correio Brasiliense foi proibido de publicar uma reportagem em que um funcionário do ‘alto escalão’ do DF, flagrado em escutas telefônicas, estaria envolvido com loteamentos ilegais. O grupo Paralamas do Sucesso, em 1995, teve uma de suas músicas censurada em um show em Brasília por mencionar os “anões do orçamento”. Mesmo hoje com a já nem tão recente desocupação do Pinheirinho, a maior ocupação da Amé-



rica Latina, realizada de forma violenta pela polícia de SP, não obteve repercussão pelos canais de comunicação. Liberdade?

“Como beber dessa bebida amarga, tragar a dor, engolir a labuta mesmo calada a boca”. A liberdade personificada por Delacroix é a guia do povo, aquela

que indica o caminho, no entanto é o povo o encarregado de superar as injustiças e vencer a opressão. Mas é preciso dizer que tal opressão, essa bebida amarga, em nossos dias, nos é servida por nós mesmos. Somos nós a comprar os mesmos jornais, a assinar as mesmas revistas. Somos nós que navega-

mos pelos mesmos sites e que por fim, temos o controle remoto nas mãos, mas não trocamos de canal. A liberdade se tornou aquela velha meretriz que se deita com qualquer um disposto a manter a boca calada.

“Pai, afasta de mim esse cálice”. A imprensa é livre, por que o ser humano é. A informação, o conhecimento transmitido de forma responsável vem garantindo

a sustentação de toda a nossa civilização, não à toa, informar é legítimo e necessário. Mas torná-la um produto e vendê-la aos interesses de alguns em detrimento do todo é um atentado à democracia e ao Estado de direito. Da mesma forma que aceitar esse sabor amargo é pessoalmente irresponsável. Faço minhas as palavras do poeta *“do que me vale ser filho da santa? Melhor seria ser filho da outra”*. Liberdade, sim. ■



Gecko

1.



4.



2.



5.



3.



6.



7.



- 1 - Ponto de Interrogação Interativo – R\$ 152,00
- 2 - Casaco com capuz em forma de armadura – R\$ 253,60
- 3 - Torneira com luz que muda de acordo com a temperatura – R\$ 18,20
- 4 - Gravata 8-Bits – R\$ 30,40
- 5 - Skatistas de Plástico – R\$ 12,00
- 6 - Cabideiros em forma de estrela ninja – R\$ 15,90
- 7 - Ringue para luta de polegar – R\$ 16,20

Política

Liberdades Inoperantes

Liberdade à serviço da falcatura.

por Bruno Buhr

Liberdade de Imprensa e a liberdade de expressão são dois dos direitos mais caros à Constituição e estão intimamente relacionados, uma vez que a liberdade de expressar-se, seja pela ótica artística ou pelos atos e movimentos populares, está inserida dentro dos valores de um determinado tempo e espaço, ou seja, situada dentro de um contexto social hodierno. Pois bem, a liberdade de imprensa vem a cumprir um papel de suma importância neste cenário, vez que é o instrumento capaz de formar opiniões, de ser a cronista do cotidiano, de apresentar os fatos e acontecimen-

tos de maior relevância e de situar o cidadão na conjuntura político-social na qual se insere.

Tais liberdades já foram suprimidas em tempos indigestos da nossa história recente, talvez por esse motivo se exalte a liberdade de imprensa como um arauto da Democracia. No entanto, com a exacerbação de um direito aqui, mingua-se outro tão importante quanto, acolá; neste caso fala-se da drenagem sofrida pela educação pública neste país, desde o fim da ditadura.

Não é de difícil constatação que esta anorexia da qual padece a educação pública tenha

sido resultado de uma arapuca bem engendrada para a manutenção da roubalheira, que de tão introjetada torna-se quase institucional. A educação pública é falha propositalmente, para manter o povo refém de uma ignorância fabricada, que permite que os escândalos políticos não passem de meros e deprimentes espetáculos corriqueiros, sem absolutamente nenhuma consequência para aqueles que nos proporcionam esse show de horrores.

Uma imprensa livre sem um interlocutor qualificado na outra ponta da informação de nada serve. É bradar com toda capacidade dos pul-

mões o grito no vácuo; o som, assim como a notícia, não se propaga, tornando-se estéril, como também é a lei da ação e reação, que sempre se espera quando somos arrebatados pelo mais novo escândalo semanal, mas nada acontece! Desta forma tornou-se evidente que a destruição de um receptor com capacidade crítica apurada transformou a imprensa em arqueiro sem alvo.

Nossa democracia é um bebê de proveta que parece ter vingado somente na segunda experiência, mas que ainda inspira cuidados, uma vez que o ambiente está contaminado em demasia por toda sorte de

parasitas que se fartam com a aparente vitalidade e vigor do nascituro.

Portanto de nada adianta termos liberdades expostas em um luminoso altar se estas mesmas liberdades não estão ao alcance da esmagadora maioria da população, uma vez que as ferramentas necessá-

rias para permitir o manuseio de certas garantias não são disponibilizadas. Esses são os fatos que paradoxalmente afastam a democracia do povo. Estas liberdades inoperantes, assim como a própria democracia, são os brinquedos de um glorioso parque de diversões fechado ao “desrespeitável” público. ■



Disseram



“Vocês são a causa disso tudo. Me colocaram nesse pedestal que eu não mereço.”

- *Hebe Camargo*

“Sem um fim social o saber será a maior das futilidades.” - *Gilberto Freire*



“Sou reacionário minha reação é contra tudo o que não presta.”

- *Nelson Rodrigues*

“Se eu tivesse mais alma pra dar eu daria. Isso pra mim é viver.”

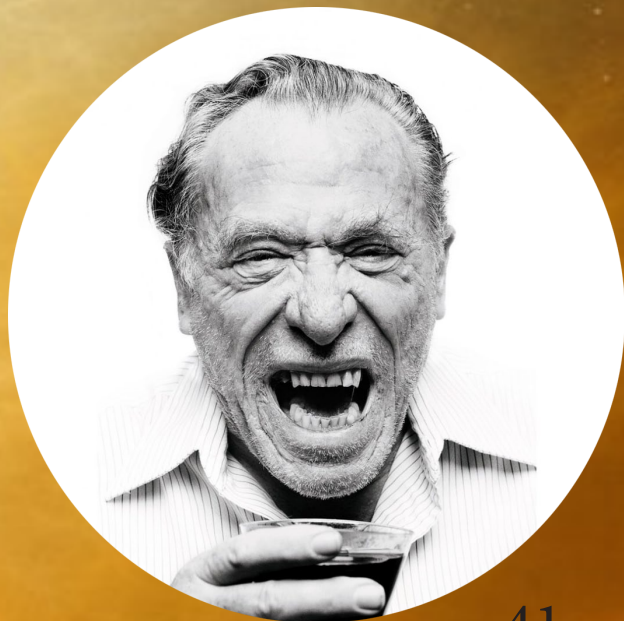
- Djavan



“A organização técnica do consumo não é outra coisa senão o arquétipo da dissolução geral que conduziu a cidade a consumir-se a si própria.” – **Guy Debord**

“A diferença entre a Arte e a Vida é que a Arte é mais suportável.”

- Charles Bukowski



Ó

**REVISTA
CRASE**